

TEXTO MULTIMODAL: COMICIDADE E CRÍTICA

Adriana Menezes **FELISBINO**¹
Micheline Tacia de **BRITO PADOVANI**²

RESUMO: O presente artigo tratará dos processos de construção da comicidade e da crítica no texto multimodal. Para tanto, abordamos a comicidade e o riso a partir de Bergson (1983), Propp (1992), Minois (2003) e Bakhtin (2011), e o risível, fundamentado em Silveira (2006), com o objetivo de compreender como a comicidade se constrói em charges jornalísticas, por meio do estudo das estratégias linguístico-discursivas que produzem a comicidade no gênero jornalístico.

PALAVRAS-CHAVE: Charge. Humor. Crítica.

MULTIMODAL TEXT: COMICITY AND CRITICISM

ABSTRACT: This article will deal with the processes of construction of comics and criticism in the multimodal text. To do so, we approach comics and laughter from Bergson (1983), Propp (1992), Minois (2003) and Bakhtin (2011), and laughter, based on Silveira (2006), with the aim of understanding how comicity is built on journalistic cartoons by studying the discursive linguistic strategies that produce comics in the journalistic genre.

KEYWORDS: Charge. Humor. Criticism.

INTRODUÇÃO

À busca de uma definição para a charge em dicionários, geralmente, encontra-se como desenho humorístico veiculado pela imprensa que comporta uma crítica de maneira satírica, em geral, sobre um acontecimento político. Expandindo a definição, podemos dizer que a charge não comporta apenas fatos políticos, mas diversos aspectos do comportamento humano – inclusive do cotidiano – que são satirizados, gerando polêmica e riso.

O humor crítico é uma das principais características do gênero charge, abordando diversas questões de âmbito social. Embora a análise aborde charge de cunho crítico político, isso não é uma regra. As charges orientam o leitor em um discurso em que os acontecimentos diários

1 Mestre em Língua Portuguesa – IP – PUC-SP. Docente do Centro Universitário Ítalo-Brasileiro. Endereço eletrônico: < adrianamfelisbino@gmail.com >.

2 Mestre em Língua Portuguesa – IP – PUC-SP. Endereço eletrônico: < mtbpadovani@gmail.com >.

e diversos do comportamento humano são destacados. Entretanto, costumam abordar informações que são ou foram muito discutidas pela mídia, são efêmeras e dependentes do contexto social em que são produzidas para que sejam compreendidas, logo, serem capaz de provocar o humor e o riso. Assim, a retomada do contexto ao qual a charge se refere possibilita que o humor seja reconstruído.

A charge tem a capacidade de promover um grau de risibilidade sutil, um riso mental, ao promover reflexão crítica de fatos políticos que estão representados pelos discursos linguísticos e imagéticos. Com isso, a imagem tem papel fundamental para a construção da representação crítica e do contexto histórico-social.

O cômico está em oposição à tragédia. A comicidade é construída a partir de algo verossímil e que se diferencia da tragédia, porque não há punição aos homens maus em seus desfechos e porque representa os não nobres.

Partindo desses pressupostos, constituiu-se, como *corpus* de análise, uma sequência com quatro charges veiculadas no jornal eletrônico *Jornal A Gazeta* – ES, do chargista Amarildo, sobre fatos políticos que envolvem Lula, Cunha e Temer, diante das denúncias na delação premiada na Operação Lava Jato.

A COMICIDADE E O RISO

Nas palavras de Propp (1992), o domínio da comicidade abrange tudo aquilo que provoca o riso ou o sorriso. Em seu livro *Comicidade e Riso*, Propp (1992) procurou retratar o cômico a partir da análise da literatura e do folclore, preocupando-se com os aspectos linguísticos da comicidade e do próprio riso com suas formas de exteriorização de significados, ao evidenciar o riso em diferentes situações. O autor analisa o cômico não apenas na literatura, mas nas artes cênicas e na pintura, sob a denominação de comicidade, nomeando tanto o cômico, quanto o ridículo.

Para esse autor, o cômico deve ser estudado não em contraposição ao trágico ou ao sublime, mas em sua especificidade, como resultado da reação humana – o riso – diante de um objeto ridículo. Segundo Propp (1992), o objeto ridículo é geralmente o próprio homem, ou coisas de sua criação que refletem algum defeito da natureza humana, cuja vida física, moral e

intelectual pode tornar-se objeto de riso, que provoca o riso de imediato, ou seja, quando ocorre uma quebra de expectativa.

O riso surge quando de repente descobrimos que os objetos reais do mundo à nossa volta não correspondem aos conceitos e às representações que deles fazemos, ou seja, quando se dá conta do erro em que incorrera, a descoberta desse equívoco. (PROPP, 1992, p. 30).

Propp (1992) conceitua o riso como uma arma capaz de destruir a falsa grandeza das personalidades, lideranças políticas, submetidas ao escárnio. Assim, apresenta categorias para o riso: a) sátira de zombaria – derrisão – que apresenta os defeitos, falhas e incoerências para rebaixar a imagem; b) caricatura – que torna um pormenor ou um detalhe exagerado, a fim de atrair atenção exclusiva, ou seja, o objeto é apresentado com uma deformidade.

Com o propósito de apresentar uma síntese classificatória sobre o cômico, o autor estabelece duas categorias para o riso: riso de zombaria e riso sem zombaria. De acordo com Propp (1992), na categoria do riso com ausência de zombaria tem-se o riso bom, riso alegre, riso maldoso e cínico e o riso imoderado, com a premissa básica da classificação o “rir com”. Já o riso de zombaria – ou derrisão, cuja premissa básica refere-se a “rir de”, surge, de acordo com esse autor, do desnudamento repentino do defeito. O termo defeito, utilizado neste caso, refere-se a toda e qualquer deformidade humana frente à vida.

Nesse sentido, a determinação dos procedimentos que nos levam a compreender o que é engraçado, reafirma o pensamento de Bergson (1983), de que o homem é a espinha dorsal das situações cômicas geradas por alguns signos ligados ao homem e reveladoras de suas deformidades físicas, espirituais ou morais.

Propp (1992) designa riso de derrisão o que comporta desvios, como aspecto físico e o espiritual, o homem com aparência de animal, o homem com aparência de objeto, a ridicularização das profissões, o fazer alguém de bobo e a mentira. Ainda nesta categoria, enquadram-se a ironia, o trocadilho e o paradoxo, como instrumentos formalizadores linguísticos de comicidade, todavia, estes não dependem somente dos meios propriamente linguísticos, mas daquilo que é expresso por eles.

Nessa acepção, ele propõe o calembur, que remete a um jogo das palavras, em que o riso é despertado quando em nossa consciência o significado geral da palavra passa a ser

substituído pelo sentido literal e significado exterior, como o paradoxo causa o riso por causa de uma contração inesperada, ou ironia que se expressa com palavras um conceito, mas subentende-se outro, ou ainda erros na língua e nomes cômicos que estão na microestrutura do léxico, que provocam o riso pela modificação ou pela criatividade na seleção das palavras.

Quanto à caricaturização, Propp (1992) afirma ser uma comicidade produzida por uma correlação entre a natureza física e espiritual, pois põe à mostra os defeitos, o corpo torna-se o ridículo, o objeto do risível em decorrência do destaque dado àquele defeito. Para isso, são necessários dois movimentos: a captação e a subversão, a partir da perspectiva da Análise de Discurso, baseado nos estudos de Maingueneau (2002).

Captação diz respeito à imitação de um texto, tomando sua mesma direção e apropriando-se de seu valor pragmático; já subversão diz respeito à desqualificação do texto imitado, caracterizando a paródia. O autor trata, assim, da possibilidade de captação ou de subversão do gênero de discurso, na qual haveria, no primeiro caso, o reconhecimento das propriedades linguísticas, como, a combinação binária; e, no segundo caso, haveria a contestação do próprio gênero, ou seja, da autoridade da sabedoria popular.

Segundo Silveira (2006):

O risível é uma variação das narrativas de história e pode ocorrer com ou sem suspense. Para o risível, o inesperado está situado na seqüência de: orientação X menção X reformulação, por ter se constatado um engano por parte do processador da informação, ao construir seu próprio contexto cognitivo. (SILVEIRA, 2006).

Nesse sentido, o inesperado ocorre mediante a articulação entre o “dado” e o “novo”, sabendo-se que o dado se refere ao saber prévio ativado pelo leitor, a partir de uma orientação do interlocutor, de tal maneira a criar uma expectativa no leitor. O novo tem como ponto de partida uma menção do dizer que leva o interlocutor a fazer uma inferência sobre o dado, mas que deve ser reformulado ao se compreender o engano.

Os conhecimentos de língua, enciclopédico e interacional, armazenados na memória de longo prazo constituem o “dado”; já, o “novo” apresenta como conteúdo a história que está sendo contada. O risível será resultado da ativação do dado que o leitor fará para participar do

evento, guiado pelo interlocutor para criar uma expectativa e identificar seu engano, sendo obrigado a reformular sua inferência no contexto cognitivo.

Em outros termos, “cada época e cada povo possui seu próprio e específico sentido de humor e de cômico, que às vezes é incompreensível e inacessível em outras épocas” (PROPP, 1992, p. 32), pois parte da ideia de que o cômico e o riso não são abstratos e não é possível o estudo da comicidade fora da psicologia do riso e da percepção desse cômico. Propp aponta como aspecto mais frequente e fundamental da comicidade, o riso de zombaria.

Acerca da comicidade, ao longo do tempo, Propp (1992) destaca o caráter cultural e cognitivo do riso. Rimos do que nos parece ridículo, do que é irreverente, inusitado, do grotesco, do esdrúxulo, mas o senso de humor é uma característica humana construída individualmente ao longo da vida, por meio da percepção e conhecimento de mundo, a partir das experiências e das referências culturais e cognitivas.

O senso de humor também se constrói socialmente, por uma série de códigos consensualmente aceitos em um grupo, povo, sociedade, nação, e que, por semelhanças e identidade cultural entre estes, permitem que os indivíduos compartilhem de senso de humor semelhante.

Rimos sozinhos, dos outros e de nós mesmos, ou seja, ri-se do que foge às normas, das debilidades do corpo, da mente e do caráter, assim como da queda, do tropeço, da loucura, da demência, da debilidade, da vigarice. Por ser o único animal capaz de sorrir, como afirma Propp (1992), é também o homem o único ser vivo com capacidade de provocar intencionalmente o riso. Segundo o linguista, não pode haver comicidade fora do que é propriamente humano. Se algum outro animal ou objeto inanimado conseguisse provocar o riso, seria por semelhança com o homem, por semelhança a algo que provoca efeito cômico, por uma característica impressa ou pelo uso que o homem dela faz.

Para Vladimir Propp (1992, p. 46), o riso é uma arma de destruição – “ele destrói a falsa autoridade e a falsa grandeza daqueles que são submetidos ao escárnio” – e a língua, é um arsenal rico em instrumentos de comicidade e zombaria. Esse mesmo autor observa a relação de nexos entre o objeto cômico e quem ri como não sendo uma relação obrigatória, nem natural. Nem todos riem pelos mesmos motivos e a causa reside disto reside nas condições de ordem histórica, social e pessoal.

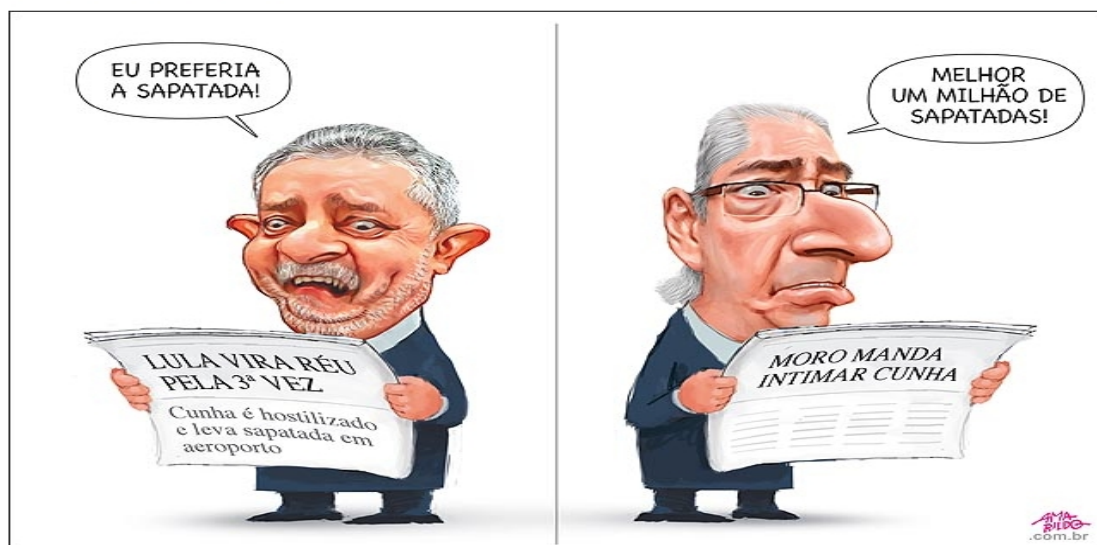
ANÁLISE DO MATERIAL

As charges a seguir, veiculadas no jornal eletrônico *Jornal A Gazeta – ES*, do chargista Amarildo, apresentam uma sequência temporal dos fatos políticos que envolvem personalidades políticas do Brasil: Lula, Cunha e Temer, que estão diante de denúncias na delação premiada promovida pela Operação Lava Jato.

Charge 1

Sapatadas

Publicado em outubro 14, 2016



Análise da charge 1: Contextualização do título da charge “Sapatadas”, publicado em 14 de outubro de 2016.

Em 04 de setembro de 2016, saiu no jornal uma matéria a respeito de Temer, presidente da república, comprando sapatos na China. Título da matéria: “Não passa um dia sem que o governo dê uma sapatada em alguém”. Além disso, vários jornais internacionais e nacionais utilizaram, como matéria, o acontecimento e ilustraram com uma foto de Michel Temer num shopping da China, sentado, enquanto a atendente trazia sapatos para ele experimentar. Ele aparece à paisana, de camisa esporte, cara de bons amigos, muito mais relaxado do que se exhibe no Brasil.

É importante destacar, ainda, que há entre os fabricantes de sapatos brasileiros, grande insatisfação com relação à desvalorização do produto nacional, que nos últimos anos sofreu baixa com a invasão de calçados chineses. Assim, entre as notícias publicadas no período em que ocorreu o episódio das compras de sapatos, tem-se aquelas em que os empresários e produtores de sapatos se dizem indignados com tal atitude presidencial. Para eles, o presidente Michel Temer deveria valorizar a produção brasileira de calçados, principalmente, em um momento em que os brasileiros enfrentavam uma forte concorrência dos exportadores chineses, dos quais procuravam se defender para não fecharem as portas de suas fábricas.

Em 13 de outubro de 2016, é noticiado: *Eduardo Cunha leva sapatada de tiazinha durante desembarque no aeroporto*. A notícia relatava que ao desembarcar em um aeroporto, o ex-presidente da câmara teve, como recepção, pessoas que protestaram contra as ações de corrupção delatadas na Operação Lava Jato. Durante o desembarque, foi arremessado contra ele um sapato.

Em 14 de outubro de 2016, temos a charge com o título *Sapatadas*, na qual Lula e Cunha leem reportagens sobre as ações do judiciário contra eles. Para entender a mensagem que a charge nos traz, tem-se que levar em consideração o contexto histórico social em que a charge está inserida e foi produzida. Além disso, a imagem fisionômica dos dois políticos em destaque é de suma importância. Diante disso, vemos que o ex-presidente da república arregala os olhos ao ler a seguinte manchete: *Lula vira réu pela 3ª vez*. Pode-se dizer, ao analisar a imagem, que os olhos de Lula demonstram pavor e espanto diante do que está lendo no jornal; a transitividade que ocorre em seu olhar está expressa no jornal. Em consonância com o olhar do ex-presidente, destaca-se sua boca que sinaliza um formato utilizado, geralmente, para expressar medo.

A charge enfatiza ainda que o jornal é maior que o corpo de Lula. Estando em primeiro plano, a imagem do jornal nos leva a acreditar que o que está em destaque são as ações da Lava Jato em relação ao ex-presidente e não ele enquanto pessoa política. É importante destacar ainda que o jornal que Lula lê traz como manchete duas notícias: *Lula vira réu pela 3ª vez* e *Cunha é hostilizado e leva sapatada em aeroporto*, a primeira diz respeito ao fato atual na charge, ou seja, a ação judicial movida pela Lava Jato contra Lula. Já, a segunda diz respeito a um fato passado ocorrido com o ex-presidente da Câmara Eduardo Cunha.

É construída uma imagem de cunho negativo, evidenciada, à primeira vista, por uma desvalorização intensa causada pela depreciação. Fato expresso no discurso do ex-presidente Lula

“Eu preferia a sapatada”. A depreciação provoca o riso, o verossímil destorcido, ou seja, o fato ocorrido com Eduardo Cunha em que lhe atiraram um sapato no aeroporto é lembrado por Lula como uma forma de se autodepreciar. Convém destacar que a imagem não pode ser analisada fora do contexto retórico em que foi produzida, pois funcionam juntos como argumentação para convencer o leitor que houve um crime e que haverá uma apuração sobre os fatos para uma possível punição. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 4), os argumentos “são técnicas discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão dos espíritos, às teses que se apresentam ao assentimento”; a argumentação é responsável pela credibilidade do discurso para uma efetivação do que é proposto.

Em relação à imagem de Eduardo Cunha, verifica-se que o olhar do político demonstra medo e pavor diante da notícia que está lendo no jornal: “Moro manda intimar Cunha”. A depreciação ocorre tanto no discurso do ex-político, quanto na imagem caricaturada. Assim, ao dizer “melhor um milhão de sapatadas”, destaca-se o ridículo provocado por três situações: levar uma sapatada no aeroporto; ser intimado pelo juiz Sérgio Moro e preferir levar sapatada a ser intimado.

A caricatura de Cunha enfatiza que o formato da boca sinaliza choro. O que provoca o riso, já que uma autoridade ou um político não é visto chorando em público. Assim, a caricaturização das personagens envolvidas com a delação premiada da Lava Jato busca a persuasão por meio da articulação de elementos linguísticos e imagéticos para se fazer rir.

Charge 2



Análise da charge 2: Contextualização do título da charge “Amigos”, publicado em 21 de outubro de 2016.

O ex-presidente da Câmara e deputado cassado Eduardo Cunha (PMDB-RJ) foi preso no dia 19 de outubro, em Brasília. A prisão dele foi preventiva, por tempo indeterminado, por decisão do juiz Sérgio Moro, no processo em que Cunha, era acusado de receber propina de contrato de exploração de Petróleo no Benin, na África, e de usar contas na Suíça para lavar o dinheiro. Na charge, o cassado Eduardo Cunha considera-se traído e usa sua memória como uma ameaça sobre o Palácio do Planalto.

A charge apresenta Cunha em transitividade com o policial, entretanto, o policial está usando óculos, como se estivesse blindado contra as investidas de Cunha; é, pois, como se o policial não o enxergasse, mas estivesse atento, apenas, às atitudes do preso na cadeia, que está riscando a parede como se estivesse contando quantos “amigos” ele teria para denunciar. Tanto o olhar, quanto o sorriso no rosto de Cunha demonstram sarcasmo diante da situação, como se agora ele pudesse se vingar, quem sabe, com o recurso de uma delação premiada. Convém destacar que o uso de óculos escuros não está entre os equipamentos obrigatórios utilizados pela PF durante abordagem ou prisão de alguém.

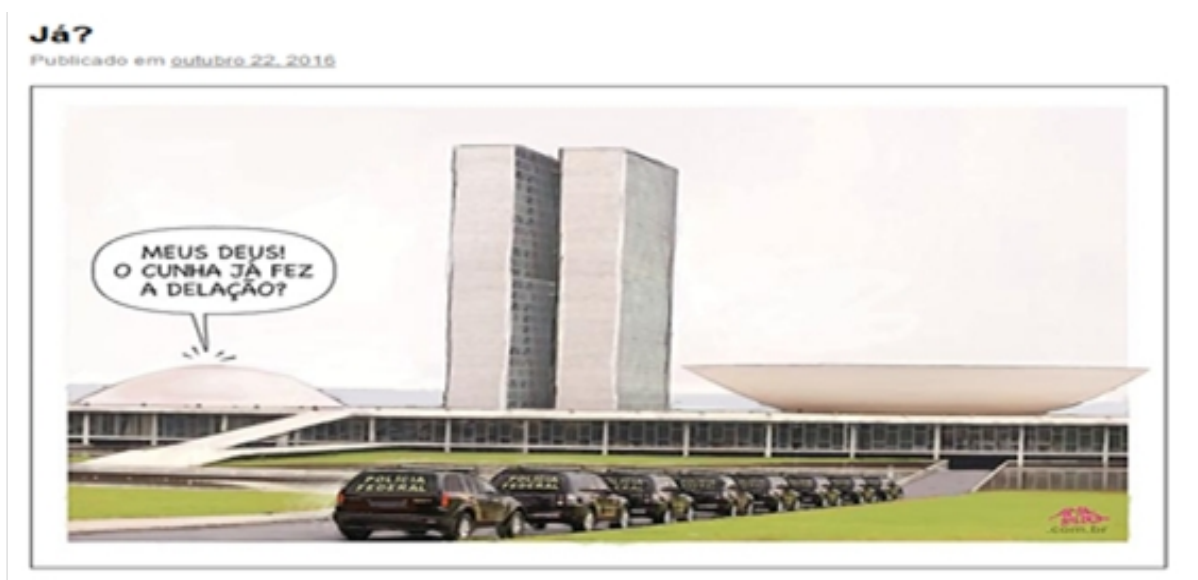
No caso desta charge, o riso é utilizado como um artifício capaz de compreender, amenizar e testemunhar assuntos de cunho sério, tornando-se eficaz ao se empregar o escárnio. Landowski afirma que:

O ridículo não mata o adversário, mas faz vacilar as melhores reputações, isto é, ele é capaz de reconfigurar às avessas a imagem do político que depende de um certo nível de popularidade. Ele destrói ou desfaz os simulacros, desfigura às avessas as imagens de marca, das quais dependem hoje os níveis de popularidade. (LANDOWSKI, 1995, p. 66).

Em outras palavras, o fato de manchar a imagem de determinado político possibilita uma reconfiguração dessa imagem, possibilitando a revelação de “verdades” que possam estar ocultas aos olhos da população. O apelo emocional se reflete no uso do substantivo “nomes” e do adjetivo “amigos” que, pelo veio humorístico, tem o caráter de insulto amenizado.

A escolha lexical e o exagero instaurado pela linguagem não verbal (quantidade de tracinhos expostos na parede) ajudam a evidenciar o clima de depreciação de Eduardo Cunha. Assim, é preciso ir além do instrumento da linguagem verbal, há a necessidade de explorar tanto a linguagem verbal quanto a linguagem não verbal para que a compreensão seja estabelecida.

Charge 3



Análise da charge 3: Contextualização do título da charge “Já”, publicado em 22 de outubro de 2016.

Nesta charge, é possível identificar o pavor dos parlamentares com a chegada de oito carros da polícia federal no congresso, após a prisão de Cunha. Do lado esquerdo da charge, o espaço está vazio (o que pode corresponder à ausência do novo). O céu acinzentado apresenta um caráter nebuloso à situação, como não se pudesse visualizar o que iria acontecer, quantas pessoas Cunha já teria envolvido e quem eram esses delatados. Na charge, o humor é alcançado a partir da percepção do *script*, construído pela incongruência ou violação da normalidade.

Segundo Le Goff (apud BREMMER e ROODENBURG, 2000, 65), o riso é um fenômeno cultural, as atitudes, as maneiras como é praticado, seus alvos e suas formas são mutáveis, de acordo com a sociedade e com a época, assim, o riso é um fenômeno social. O chargista aborda a questão de cunho social veiculada pela mídia de forma humorada, por meio da

linguagem verbal e da linguagem não verbal, a fim de enfatizar que o humor é causado pela pressão de corruptos (políticos) deflagrados pela Operação Lava Jato.

Os lugares comuns utilizados são compartilhados, as referências buscam recriar a situação de forma sarcástica, o interdiscurso é evidenciado. Os discursos imbricados ao longo da enunciação perpassam os campos discursivos, sendo que o policial aparece com mais força, pois a charge aponta que os políticos estão com medo de serem presos.

Charge 4



Análise da charge 4: Contextualização do título da charge “Remédio mais forte”, publicado em 23 de outubro de 2016.

O título da charge “Remédio mais forte” faz alusão a um medicamento de tarja preta, muito utilizado atualmente como tranquilizante, de alta potência, que está no mercado a um longo período de circulação. Rivotril é indicado para o controle da fobia social, do distúrbio do pânico, das formas de ansiedade generalizada, como as decorrentes de situações extremas da vida.

A posição tanto de Lula quanto de Temer na charge demonstram que os dois estão apavorados com o que pode acontecer depois da suposta delação de Cunha. Os dois, deitados na cama, em posição fetal, e os pés dispostos de modo infantilizado, apresentam a fragilidade de ambos frente a situação de delação.

A caricaturação dos políticos, em que a cabeça de ambos é maior que o corpo, ocorre para representar o ridículo, tornando a cena grotesca. Destaca-se, também, que os olhares estão desviados, mostrando transitividade com o remédio (Rivotril) no criado-mudo, ao lado de suas camas. Os olhos escancarados representam que os acusados/políticos podem estar dopados, mas pedindo um tranquilizante mais forte. Assim, as imagens caricaturadas funcionam como uma espécie de retrato, apresentando uma conexão existencial com os objetos retratados, as distorções da caricatura se colocam a serviço da imitação ao acentuar os traços mais proeminentes, facilitando o reconhecimento dos retratados.

Há uma disposição de equilíbrio na imagem apresentada na charge: as cores dos partidos políticos – vermelho = PT e azul = PMDB, chamando a atenção dos leitores da charge, pois as cores utilizadas nas roupas dos dois ex-presidentes, que além de personificar de forma alusiva os partidos em que são filiados, intensifica uma relação de semelhança ou identidade entre os presidenciáveis, as cores azul e vermelha enfatizam a informação expressa pela linguagem não verbal.

O riso é provocado pelo absurdo, pela deformidade, ou seja, o risível é produzido pelo que é estranho ou “anormal”. Dessa forma, ri-se das caricaturas com cabeça aumentada e olhos arregalados, porque em estado natural, ninguém possui tais características. Tal fato pode ser observado pelo contexto retórico criado a partir da linguagem verbal e da linguagem não verbal que indica o clima de derrota dos ex-políticos.

CONCLUSÃO

O humor nas charges analisadas é formulado por meio do estímulo, as sentenças são produzidas em situação comunicativa em contexto cultural. O chargista usa uma situação que está em destaque no cenário político brasileiro para fabricar o texto multimodal de forma risível, seja de modo linguístico, seja de modo visual para se promover a exacerbamento de traços e a ridicularização visual, ou na interface dos dois modos.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação*. A palavra na vida e na poesia: introdução ao problema da poética sociológica. Org. e equipe de trad. V. Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.
- BREMMER, Juan e ROODENBURG, Herman (org.) *Uma história cultural do humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- BERGSON, Henri. *O riso*. Tradução de Ivone Castilho Bendetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001. – (Coleção tópicos)
- FRY, William, F.J. *The appeasement function of mirthful laughter*. In: Chapman and Foot, 1977, p. 23-26.
- LANDOWSKI, Eric. *Não se brinca com o humor: a imprensa política e suas charges*. Face. São Paulo, v. 4, n. 2, jul/dez., 1995.
- LEACOCK, Stephen. *Humor and humanity: an introduction to the study of humour*. London: Thornton Butterworth, 1939.
- MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. 2. ed. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2002.
- MARINGONI, Gilberto. *Humor da charge política no jornal*. Comunicação e Educação. São Paulo: USP, Editora Moderna, (7):85 a 91, set/dez., 1996.
- MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. Tradução Maria Helena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora Unesp, 2003.
- PINTO, Z.A. *Ninguém entende de humor*. ZIRALDO; FORTUNA; ÁLVARUS. *Ab! Humorismo levado a sério*. Revista de Cultura *Vozes*, Rio de Janeiro, 64(3) abr 1970.
- PROPP, Vladímir. *Comicidade e riso*. Tradução Aurora Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.
- RASKIN, Victor. *Semantic mechanism of humor*. Purdue University: D. Reidel publishing company, P.O. Box 17, 3300 AA Dordrecht, Holland, 1944.
- SILVEIRA, Regina Célia Pagluichi da. *Textos do discurso científico – pesquisa, revisão e ensaio*. São Paulo: Terracota, 2006.

Envio: Setembro de 2019

Aceito: Novembro de 2019